

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo

Class.: KURJ 332 L

Data: 30/09/73

Pg.:

Salário e assistência levam índio à Guiana

ELIANA LUCENA

Enviada especial

Até há pouco tempo atrás, os índios que vivem na região de Uacá, fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, comemoravam a festa nacional francesa de 14 de julho e poucos dominavam o português, se entendendo melhor através do "patua", com os comerciantes negros da cidade de Saint Georges, na Guiana. Nesta semana, o presidente da Funai, general Bandeira de Mello visitou a área, pois a Funai pretende criar no local a reserva indígena de Uacá, que abriga

rá mais de 1.500 índios Karipuna, galibi e palikur. As autoridades brasileiras estão preocupadas com a mudança de grupos indígenas para o território francês, atraídos pela oferta de salários de até 1.400 cruzeiros e assistência médica gratuita.

Na tentativa de fixar os grupos do Uacá, no território brasileiro, serão adotadas várias medidas, destacando-se, além da criação da reserva, a instalação de postos indígenas, e de escolas, onde os índios, receberão instrução bilingue — língua do grupo e o português — bem como postos médicos melhor equipados. Paralela-

mente, a Funai pretende melhorar as condições dos campos de pouso precários existentes na área, pois por via fluvial, as embarcações demoram três dias para chegar até Belém.

Com relação aos grupos indígenas que vivem na fronteira brasileira, a Funai enfrenta o problema de fixação em território brasileiro com quase todos eles, pois os índios, na falta de uma política indigenista mais efetiva, até agora, se tem-se atraídos pelas condições oferecidas nos outros países, como é também o caso dos lanonamis e outros. Para o presidente da Funai, este é um

problema delicado, que envolve mais diretamente o Conselho de Segurança Nacional. Explica Bandeira de Mello que, a Fundação Nacional do Índio não pode interferir diretamente no trânsito constante de índios na fronteira, cabendo-lhe a tarefa de criar condições para que eles fiquem no Brasil o que poderá ser feito através da execução de programas de desenvolvimento comunitário, melhoria das condições econômicas dos grupos e a presença de técnicos indigenistas com maior frequência junto aos índios. Na região de Uacá, a Funai pretende montar três postos indígenas.

Em Uacá, ele é quase um francês

O visitante, ao chegar na região da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, área que esteve contestada até 1900, saindo do domínio francês em virtude de sentença do governo suíço, certamente se assustará com a grande influência francesa na língua indígena, bem como os utensílios domésticos importados, encontrados nas cabanas indígenas, como máquinas de costura, velas e tecidos. Apesar de ser proibido o consumo de bebidas alcoólicas na área pela Funai, os índios não escondem a sua preferência pelo uísque importado que adquirem com facilidade da cidade de Saint Georges, situada bem próximo à cidade de Clevelandia. Saint Georges é uma cidade com pouco mais de 350 habitantes, quase todos negros, que vivem do comércio de produtos importados, que são revendidos na fronteira a preços bastante baixos.

Dos três grupos indígenas da região de Uacá, os palikur, do grupo aruak, são os que conservam melhor as características tribais, segundo explica o antropólogo do Museu Goeldi, Expedito Arnaud. Nesse grupo, alguns índios já conseguem se comunicar em português, mas quase toda a tribo se exprime melhor na língua "patua", falada na Guiana France-

sa. O patua é uma mistura da língua indígena com expressões francesas e soa, como o francês falado com sotaque indígena. Usando essa linguagem, os índios do uacá viajam frequentemente até Saint Georges, onde comercializam e trocam suas mercadorias no comércio local. Este comércio já existia, quando os portugueses iniciaram a conquista da Amazônia no século XVII. Os palikur, inclusive, segundo contam os chefes da tribo, eram tratados pelos portugueses como "índios amigos dos franceses", tendo sido, por este motivo, hostilizados e capturados como escravos.

Os índios karipuna, do grupo tupi que anteriormente habitaram a região Dorio Ouana-ri, na Guiana Francesa, mas atravessaram para a margem esquerda do Oiapoque, indo habitar no alto do Curipi. Uma epidemia de sarampo, que causou grande mortandade no grupo, obrigou-os a se transferirem para o curso médio do rio Curipi, onde vivem até hoje. Da mesma forma como aconteceu entre os galibi e os palikur, gradativamente foram se introduzindo entre eles indivíduos de várias origens, como crioulos, árabes, chineses, europeus e brasileiros. Dessa miscigenação, pode-se notar

atualmente entre os quase seiscentos kripuna, tipos bastante diferentes, não só no tipo de cabelo, mas coloração da pele e traços fisionômicos.

Entre os krapuna, quase todos já se esqueceram da língua de origem, falando hoje em dia o português e o patua. A única cerimônia indígena de que ainda participam é a festa do ture. Nesta festa, os índios homenageiam os espíritos e ocorre geralmente na época do estio, em noite de lua cheia. Podem tomar parte das comemorações, elementos de ambos os sexos, que, na véspera são proibidos de comer peixe "por ser alimento repudiado pelos espíritos". A festa é realizada numa praça circular, onde, no centro, é cravado um mastro "para trânsito dos espíritos", medindo cerca de sete metros de altura. O xama — que é pagé — senta-se num banco e inicia a cerimônia invocando os sobrenaturais cuja caracterização ocorre por meio de nome de animais, de fenômenos naturais e pessoas falecidas. Por sua vez, estes seres se manifestam na pessoa do xama.

através de canções próprias, que, depois de iniciadas, passam também a ser cantadas e dançadas pelos participantes acompanhadas pelas buzinas (tures) que dão o nome à festa.

Hoje em dia, no entanto, como se nota na própria narração dos índios já está perdendo seu sentido mágico-religioso, pois, além de várias das antigas normas não serem mais obedecidas, não só xamas como outros lamentos que conhecem as canções, já costumam realizá-la como simples diversão.

A festa do ture é comemorada por todos os grupos que vivem no Uacá, com exceção dos palikur, que a partir de 1968 tornaram-se crentes — seita pentecostal — sob a liderança do índio padre Orlando, cuja conversão foi consagrada por um pastor norte-americano, que durante algum tempo atuou no Oiapoque. Tanto os karipuna como os galibi esqueceram completamente seus dialetos de origem karib e tupi e hoje têm como língua o patois ou crioulo, mas muitos já falam o português.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: W10.2.10.1

Data: 30/09/73 Pg.: (Cont.)

A PROTEÇÃO OFICIAL

A atuação do governo brasileiro junto aos índios do Uacá, tendo em vista sobretudo a incorporação à sociedade nacional, só foi iniciada em 1930. Antes dessa época, segundo informações de um índio karipuna, os contatos eram feitos sempre com a população guiana, e inclusive existiam no rio Curipi casas comerciais de crioulos, com mercadorias importadas, incluindo armas de fogo, máquinas de costura movidas a mão e bebidas alcoólicas de várias procedências. Mas proteção oficial mais constante começou com o antigo Serviço de Proteção ao Índio, quando inclusive a Inspetoria especial de fronteiras enviou um emissário ao Uacá, para verificar a possibilidade de reunir os índios em uma única povoação, aproveitando-os como guardas de fronteira.

A idéia de se aproveitar os índios como guardas de fronteira não só ocorreu entre os índios do Uacá, mas alguns ainda defendem a medida como a mais eficiente para se resolver o problema de fiscalização das regiões de fronteira, na região Amazônica. Argumentam os defensores da idéia que o índio, mais que ninguém, conhece perfeitamente a região, o que facilitaria o controle do movimento na área. Esta idéia, no entanto, não é aceita pelo presidente da Funai. "O índio — afirma — conforme está estabelecido no Estatuto do Índio, que já se encontra na Câmara para aprovação, é um tutelado do governo, considerado como menor e por isso não pode ser aproveitado para a prestação de serviço de guarda de fronteira. Isso só será possível quando ele for emancipado. Esta emancipação é conseguida depois que ele atinge o último grau de aculturação: já domina o português, sabe ler e escrever e está inteiramente integrado na sociedade nacional".

A Inspetoria Especial de Fronteiras, depois de um relatório enviado pelo major Luiz Thomaz Reis, acabou abandonando a idéia, pois o major considerava inexecutável a transferência dos índios para um único núcleo já que existiam problemas entre as tri-
bos.

Não havia planejamento nem recursos materiais

Expedito Arnaud, antropólogo do Museu Goeldi, em Belém, afirma que as atividades desenvolvidas pelo Serviço de Proteção ao Índio na região de Uacá foram idealizadas mais para atender às necessidades administrativas do que para beneficiar os índios. "A ação paternalista do SPI — informa — acarretou vários problemas entre os índios, especialmente o desprestígio dos antigos chefes. As programações de natureza econômica realizada pelo SPI careceram de melhores estudos sobre o ambiente, peculiaridades tribais e condições de mercado, bem como de recursos materiais e humanos tanto em qualidade quanto em quantidade. As indústrias e o entreposto, que foram estabelecidos para tornar o posto do SPI auto-suficiente, também não atingiram os fins almejados: a do arroz e do leite esterilizado por deficiência de produção; a do peixe em salmoura por falta de consumidores nas duas margens do Ojapoque. O cultivo do arroz teve que ser abandonado por falta de meios para combater a ação dos ratos silvestres e a pesca do jacaré, tendo sido praticada de modo irracional, hoje é de importância mínima para os grupos. Já que a espécie encontra-se quase extinta".

Com relação a instrução, conta o antropólogo que o ensino escolar funcionou ininterruptamente durante cerca de 20 anos, com alto índice de frequência. Em consequência, um número significativo de indivíduos teve oportunidade de aprender o idioma português, que hoje falam razoavelmente. "Acontece — continua — que a utilização na leitura ou na escrita do português geralmente só ocorre por parte dos raros elementos que exercem o comércio, sendo que, a maioria dos que se tornaram eleitores, após terminado o ciclo escolar, foram ter oportunidade de escrever pela primeira vez quando requereram a inscrição".

Para o antropólogo, a situação dos índios do Uacá é relativamente boa, apesar das deficiências do antigo SPI e a da Funai só agora estar realmente penetrando na área, pois, pela densidade da população re-

gional, tanto os karipuna como os galibi e os palikur puderam até o presente conservar uma relativa autonomia e posse das terras onde, desde vários séculos, seus antepassados vieram refugiar-se, cujos limites sabem bem definir.

"A despeito das modificações sofridas no contato sócio-cultural ocasionadas por contatos externos, e da língua original, como é o caso dos galibi e karipuna, eles ainda manifestam de modo bem vivo sua identidade tribal. Alguns palikur e galibi da geração mais velha costumam-nos apelidar de portugueses pois, com relação a estes guardam antigos ressentimentos".

Expedito Arnaud alerta no entanto para um problema: essa relativa autonomia e integridade territorial poderão estar ameaçadas pelo rebanho de búfalos que estão sendo criados na colônia militar de fronteira. A fazenda de búfalos instalada na área dos Bagalibi — Ilha Suraimon, inicialmente foi combatida pelos índios, que estavam receosos de que esses animais destruíssem suas plantações, mas aos poucos foram se conformando com a situação e procurando abrir roçados em lugares distantes. A direção da fazenda, por sua vez, passou a engajar índios para os serviços de limpeza do rio, durante a fase da seca, mediante pagamento de salário. Alguns deles começaram também a executar serviços braçais, caçadas e pescarias para militares em troca de roupas, outras utilidades e de dinheiro. De igual modo, conta Expedito Arnaud,

que em alguns países, por motivos econômicos possibilitaram acasalamentos temporários das filhas com soldados, tendo um dos casos redundado em casamento.

Defende o antropólogo que, com a expansão do rebanho, outras terras terão de ser procuradas para abertura dos roçados. "É provável — afirma — que de modo predominante os índios preferiram subir rumo às cabeceiras dos rios, como aliás já se cogita entre os galibi, indo então no futuro deparar com a estrada de rodagem que liga o Ojapoque e o Cunani. Outros talvez queiram ir estabelecer-se à margem direita do riacho Ojapoque, onde algumas famílias dos três grupos desde algum tempo acham-se radicadas. Os palikur, tendo em vista velhas tendências de quando em vez manifestadas, pelo menos em parte poderão ir localizar-se definitivamente entre os grupos de igual identidade existentes do lado francês, com os quais mantêm constantes relações".

Estas ocorrências, segundo o antropólogo, estarão naturalmente condicionadas ao volume que o rebanho chegue a atingir, à medida que venham a ser tomadas pelo governo. Para ele, a criação da reserva e a sua posterior demarcação será a única maneira de resolver o problema, pois com a crescente colonização da Amazonia, não se pode saber por quanto tempo as terras dos índios do Uacá serão respeitadas.